

A ENCARNAÇÃO NA FORMAÇÃO DO DISCIPULADO MISSIONÁRIO

de Martín Mejía
jmartinx@hotmail.com

RESUMO: O encontro com Cristo, a Palavra de Deus encarnada, marca um início muito importante na vida de todo crente, trazendo uma mudança de mentalidade. Esse encontro tem consequências positivas, já que seu principal objetivo é a alegria do Evangelho da Boa Nova, que preenche o coração e vida daqueles que encontram Jesus (cf. EG 1). Levando-os a seguir o caminho que intensifica a resposta inicial, a serem libertados do pecado e a empreender uma conversão autêntica e uma comunhão e solidariedade renovadas (cf. DAp 248), que conduzem ao discipulado missionário, incorporando os valores do Evangelho, em uma vida de doação. O número do documento de Aparecida (278) destaca cinco aspectos importantes, que se encontram em sinergia no processo de formação de novos discípulos missionários, que são: o encontro com Cristo, a conversão, o discipulado, a comunhão e a missão. Esses aspectos, conforme se observada, culminam na missão que pode ser considerada o resultado de um processo na vida do discípulo, que tem seu princípio e fundamento no encontro com Cristo.

ABSTRACT: The encounter with Christ, the Word of God incarnated, marks a crucial beginning in the life of every believer, fostering a change of mentality. This encounter has positive consequences, since its primary objective is the joy of the Gospel of Good News, which fills the hearts and lives of those who encounter Jesus (cf. EG 1). It leads them to embark on a path that intensifies their initial response, to be freed from sin and undertake an authentic conversion and a renewed communion and solidarity (cf. DAp 248), which leads to missionary discipleship, embodying the values of the Gospel in a life of self-giving. The Aparecida Document, in paragraph 278, highlights five important aspects that work synergistically in the formation process of new missionary disciples: the encounter with Christ, conversion, discipleship, communion, and mission. These aspects, as can be seen, culminate in mission, which can be considered the result of a process in the life of the disciple, a process that has its beginning and foundation in the encounter with Christ.

1. O ENCONTRO COM A PALAVRA DE DEUS

O encontro com a Palavra de Deus é o princípio e fundamento da vida de discipulado missionário, pois esse acontecimento está na base do discipulado missionário. Deus desejou se encontrar com o homem, por meio de sua Palavra criadora, tomando a iniciativa da criação, como narra o livro do Gênesis: “Façamos o homem à nossa imagem, segundo nossa semelhança” (Gn 1,26). O encontro de Deus com a humanidade foi em sua bondade e benevolência, pois Deus fala aos “homens como amigos movidos por seu grande amor e mora com eles, convidando-os para a comunicação consigo mesmo e recebendo-os em sua companhia” (VD 2).

Na plenitude dos tempos, Deus falou por meio de seu Filho, como a máxima expressão da presença salvífica, pois é a imagem do Deus invisível, e por meio dele todas as coisas foram criadas (cf. Col 1,16). Deus enviou seu Filho para revelar o mistério de sua salvação (cf. DV4). Jesus Cristo é o Verbo Encarnado que assumiu a humanidade para ser solidário com todos, ele é o rosto humano de Deus. Ele é o enviado, o missionário do Pai, que desejou se encontrar com seus primeiros seguidores, que serão seus discípulos, iniciando-os na escola de discipulado para enviá-los em missão.

No primeiro momento, aqueles que vão ser apóstolos procuram o Mestre e o encontram, mas na realidade é Jesus quem propicia o encontro que dá origem à iniciação do discipulado, por exemplo, ao tomar a iniciativa Ele pergunta: o que vocês estão procurando? e eles respondem, continuando esse diálogo e perguntando: onde você mora, Mestre? (cf. Jo 1,38). A partir do encontro nasce um diálogo de amizade entre Jesus e seus futuros discípulos, que devem se renovar de forma constante pelo testemunho pessoal, pela proclamação do *kerygma* e pela ação missionária da comunidade, encarnando a Boa Nova em seus corações (cf. DAp 278a), levando a alegria do Evangelho.

O encontro é possível “quando existe correspondência entre a revelação pessoal de um sujeito e a aceitação confiante do outro” (JIMENÉZ, 1992, p. 376-379). Os discípulos respondem a Jesus, aceitando seu convite para iniciar um novo relacionamento que

os levará a conhecer novas realidades de suas vidas. Jesus os chama para essa reunião, dizendo para virem vê-lo, e eles foram ficar com ele o dia todo, já eram cerca de quatro horas da tarde (cf. Jo 1,39). É interessante observar como o momento exato desse encontro é colocado na narração, para mostrar a importância que isso teria em suas vidas. O encontro de Jesus com seus discípulos pode ser expresso como a resposta dócil e disponível ao chamado de Deus (cf. BRAVO, 2009 p. 32).

Outro encontro com Jesus é com João Batista (Jo 1,15; 5,33), pois João encarna a Palavra de Deus e testemunha a verdade. João não é a Luz, como afirma (cf. Jo 1,8), mas seu testemunho faz muitos a mudar de vida, pois leva os homens ao encontro com Jesus, que será decisivo na escola de discipulado: “Deus os libertou para uma missão” (SCHÖKEL, 1996, p. 79). O encontro com “o Verbo é a verdadeira Luz que ilumina todo homem e vem a este mundo” (Jo 1,9). A Palavra como Luz ilumina toda a humanidade sem excluir ninguém. O encontro com a Palavra de Deus “é dirigido não apenas aos contemporâneos daquela época histórica de João Batista, mas a todos os homens, além das fronteiras espaciais e temporais” (LÉON-DUFOUR, 1989, p. 75). A Palavra de Deus chama todos a se encontrarem sem distinção, a serem iluminados.

1.1 Cultura do encontro

Acontece que o encontro com a Palavra de Deus nos sacramentos, especialmente na Eucaristia e no Batismo, mesmo na catequese, às vezes é considerado pelos fiéis como uma simples tradição ou um preceito a ser cumprido. No entanto, “o homem não é apenas um ser de necessidades, mas uma liberdade chamada a responder a um Você pessoal e não apenas ao anonimato da história geral e particular” (BRAVO, 2009, p. 19). Frequentemente, no encontro com a Palavra de Deus, há pouco interesse em ser acolhido e transformado na família ou na comunidade, mas, na realidade, a Palavra é pão que nutre o significado da existência e luz ilumina o caminho e desenvolvimento de toda a criação.

A categoria do encontro pode ser considerada fundamental na vida humana, pois são as múltiplas redes de relacionamen-

tos que vão se configurando como um ser humano desde o nascimento, já que há necessidade do encontro do bebê com seus pais e todo o círculo familiar. Posteriormente, os encontros se multiplicam, à medida que a criança cresce e se desenvolve, gerando novos relacionamentos que lhe permitirão se realizar na vida, porque “os outros são constitutivamente necessários para a construção de uma vida plena” (FT 150). Pode acontecer na vida de um jovem que, devido às diferentes circunstâncias ou desentendimentos, suas decisões ou escolhas de vida o coloquem dentro de uma cápsula de isolamento. Por essa razão, surge a importância de viver e vivenciar a cultura do encontro, que é apresentada como uma alternativa à cultura do naufrágio, à cultura da fragmentação ou à orfandade da cultura contemporânea (cf. MARTÍNEZ, J, 2017, p. 27), nas redes digitais.

O Papa Francisco também apela repetidamente à cultura do encontro, não como um encontro ocasional, mas como um estilo de vida que consegue excitar, um desejo constante de “buscar pontos de contato, construir pontes, projetar algo que inclua a todos” (FT 216). A cultura do encontro é geradora de amizade, compromisso e solidariedade. Nesse sentido, o Papa Francisco menciona em seu discurso, em 2 de outubro de 2016, na mesquita “Heydar Aliyev” em Baku, Azerbaijão:

Abrir-se para os outros não empobrece, mas enriquece, porque nos ajuda a ser mais humanos: a reconhecer a si mesmo como parte ativa de um todo maior e a interpretar a vida como um presente para os outros; ver como objetivo não os próprios interesses, mas o bem da humanidade.

O bem comum de todos os membros da comunidade é o resultado gerado quando discípulos missionários se reúnem para ouvir a Palavra de Deus, meditá-la, encarná-la, vivê-la e testemunhá-la, em caridade fraternal.

2. A CONVERSÃO

A conversão “é a resposta inicial daqueles que ouviram o Senhor com admiração, acreditam n’Ele pela ação do Espírito,

decidem ser Seus amigos e ir atrás dele, mudando seu modo de pensar e viver, aceitando a Cruz de Cristo, cientes de que morrer para o pecado é alcançar a vida” (DAp 278 b). A conversão faz parte do processo de discipulado, pode ser considerada como o ponto de virada, pois é apresentada a partir do encontro com a Palavra de Deus, uma mudança de direção na vida do homem que encontrou Deus, por meio de Jesus.

Na Sagrada Escritura encontramos muitos exemplos e testemunhos de conversão, onde o discípulo é convidado a não ter uma simples curiosidade, mas a conhecer Jesus, como Herodes (cf. Lc 9,7-9), mas um desejo profundo, que conduz a uma transformação eficaz e concreta. Foi isso que aconteceu com Zaqueu, que, tendo mais do que uma simples curiosidade no coração, corre rapidamente e sobe em uma árvore para ver Jesus ao menos passar (cf. Lc 19,4), mas qual será sua surpresa, quando o próprio Mestre, que toma a iniciativa, for ao encontro de Zaqueu, olhando-o com afeto, de baixo para cima, e colocando-a na relação entre Jesus e o Pai. O hóspede, que é Jesus naquele lugar, torna-se aquele que receberá Zaqueu em seu olhar e em seu coração, dizendo-lhe: “Desça depressa, pois hoje devo ficar na sua casa” (Lc 19,5). Então, Zaqueu desce da árvore e recebe Jesus alegremente em sua casa, que se torna um lugar de fraternidade e salvação. Essa atitude Zaqueu faz parte do processo de conversão na vida do discípulo que encontrou a Palavra de Deus.

Zaqueu decide, nesse encontro maravilhoso, mudar seu modo de vida, pois manifesta prontamente sua adesão a Deus e decide doar metade de seus bens aos pobres, e fazer restituição até quatro vezes maior, caso tenha enganado alguém em sua vida (cf. Lc 19,8). O encontro com Jesus proporciona a conversão. De fato, há um ponto de virada na história de Zaqueu: há uma mudança na direção de sua vida e em suas atitudes, passando da acumulação que o envolve em corrupção e egoísmo para uma vida de solidariedade compartilhando seus bens com os pobres e necessitados. Zaqueu muda sua atitude ao testemunhar em sua comunidade, incorporando o encontro de Jesus em seu coração e retomando a identidade de seu nome como justo, puro e inocente.

Seguir a Cristo implica a decisão de someter todo outro seguimento sobre a terra ao seguindo a Deus, feita carne. Por essa razão, falar de seguir Cristo é falar de conversão, de vender tudo [...] conversão é a base de toda fidelidade cristã, na vida pessoal, no apostolado ou em compromissos sociais, profissionais e políticos (GALLI 2018, p 9).

A conversão da comunidade pode ser colocada na perspectiva da hospitalidade, pois essa é uma atitude a ser implementada, especialmente na era moderna, conectando-a à cultura do encontro, pois, além de nos permitir romper com a solidão, também podemos começar a construir laços de caridade fraternal. Na verdade, aqueles que acolhem e encarnam a Palavra de Deus são guiados pelo Espírito Santo a viver uma espiritualidade de acolhimento com o prazer de viver como cidadãos em relações de gratuidade (cf. TEOBALD, 2014, p. 17). Esse é o caso, por exemplo, de considerar a hospitalidade como a aceitação de pessoas em estado de migração, o que tem ocorrido com maior aceleração nos últimos anos, devido a várias circunstâncias políticas e econômicas geradas em diferentes lugares. Essa situação significa que muitas pessoas são forçadas a deixar seus países de origem, colocando-se em trânsito rumo a distintos destinos, onde consideram que podem proteger suas vidas e alcançar melhores condições que garantem sua dignidade como seres humanos.

Além de levar em conta a aceitação da hospitalidade por tantas pessoas em estado de migração, também é importante considerar a possibilidade de colaborar em caridade fraternal, por meio de instituições governamentais ou eclesiais, oferecendo fontes de emprego, moradia, educação e saúde, para aqueles que decidirem permanecer definitivamente no país que os acolhe. Um exemplo está sendo vivido em vários países sul-americanos, especialmente na Colômbia, que recebeu mais de um milhão de venezuelanos nos últimos anos. Uma orientação pastoral e social poderia ser acolher o migrante, por meio de programas de assistência social, em dioceses e paróquias.

3. O DISCIPULADO

No discipulado, “a pessoa amadurece constantemente no conhecimento, amor e seguimento de Jesus Mestre, aprofunda o mistério de sua pessoa, de seu exemplo e de sua doutrina” (DAP 278c). Por essa razão, a “opção fundamental é para uma pessoa, Jesus de Nazaré, como Messias e Filho de Deus” (Silva, 2010, p. 88). Pois, “não se começa a ser cristão, por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um evento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com ele, uma orientação decisiva” (DCE 1).

O seguimento de Jesus exige a liberdade do homem concedida por Deus. Desde o início, ninguém é condicionado a aceitar a luz do Verbo Encarnado, que leva à jornada do discipulado. O que é certo é que essa decisão leva aquele que a realiza a uma vida plena em Cristo, “as minhas palavras são Espírito e vida” (Jo 6,63).

O chamado é uma constante que os cristãos viveram com espírito, pois, em cada época histórica, o que segue é realizado de diferentes maneiras (cf. SOBRINO, 1991, p. 460), suscitando uma resposta do homem, e é o Espírito quem anima e empurra os fiéis para a vida eterna, como a água que vem do alto e eleva o nível (cf. CONGAR, 1990, p. 76). Dessa forma, o Espírito inspira os discípulos a responderem com gratidão ao chamado que receberam (cf. Mt 10,8). De fato, aqueles que aderiram ao discipulado não nasceram da carne ou do desejo humano, mas nasceram de Deus (cf. Jo 1,13).

O discípulo descobre o princípio e o fundamento de seu chamado para seguir no amor que Deus manifestou por toda a criação. O amor de Cristo é a força motriz que move os discípulos (cf. 2Cor 5,14); pois, “Deus nos escolheu em Cristo, antes da fundação do mundo, para sermos santos e imaculados diante d’Ele” (Ef 1,4). Ele criou tudo, por amor à humanidade. Por essa razão, o Verbo tornou-se carne e fez seu lugar de morada em seus discípulos, que viram sua glória (cf. Jo 1,14). No seguimento ao chamado ao discipular, aqueles que aceitaram a Palavra Encar-

nada receberam a filiação divina, ou seja, serem filhos de Deus e tornarem-se discípulos de Jesus Cristo. Esse acontecimento os marcou em suas vidas, eles não são mais os mesmos e, embora sejam em termos existenciais, suas vidas mudaram, pois começaram um novo relacionamento com Deus, por meio de Jesus Cristo, vivendo uma vida de caridade fraternal e anunciando a Boa Nova de Jesus Cristo.

O Evangelista Marcos narra, em apelo aos primeiros discípulos, como Jesus “sem hesitar, nem entrar em discussão” (SCHÖNBORN, 2014, p 36), lhes diz: “Segui-me e eu vos farei pescadores de homens” (Mc 1,17). Jesus escolhe seus discípulos, como narra o Evangelista João (cf. Jo 15,16). A resposta dos discípulos é rápida e generosa, pois “imediatamente deixam as suas redes, o seguiram” (Mc 1,18). O mesmo aconteceu com Levi, que, ao ouvir a voz de Jesus, “levantou-se e o seguiu” (Mc 2,14). Além disso, testemunhos de prontidão ao chamado de Deus são encontrados em diferentes passagens do Antigo Testamento, por exemplo: o de Isaías em sua vocação, “Aqui estou, Senhor, envia-me” (Is 6,8); ou o de Samuel quando responde: “Fala, Senhor, o teu servo te ouve” (1 Sm 3,10).

3.1 A Palavra encarnada na formação do discipulado

Um aspecto importante no discipulado é a formação do discipulado, pois é essencial para que o discípulo tome consciência de seu chamado para a vocação original, alcançando a plenitude da comunhão com Jesus (cf. SILVA, 2020, p 171). De fato, “A palavra divina pela qual Deus criou e se revelou no princípio foi encarnada em Jesus Cristo, por meio de quem a criação e a revelação de Deus alcançam sua plenitude” (RUIZ DE LA PEÑA, 1993, p. 17), ao longo da história.

Os discípulos, ao entrarem na sinagoga com Jesus, têm a primeira experiência de discipulado com seu Mestre, ouvindo seus ensinamentos. Por essa razão, pode-se considerar que, após o chamado, começa a etapa da formação do discipulado (cf. Martínez, H, 2019, 28). Além disso, discípulos na configuração do

Mestre aprendem quando estão sozinhos com Ele. Na realidade, Jesus convida seus discípulos a estarem em um lugar distante, seja para instruí-los (cf. Mc 4,34; 7,17; 9,30-31; 10,10; 13,3), seja para descansar (cf. Mc 6,31). Da mesma forma, quando fez aquela viagem distante a Tiro e Sídon, para ficar sozinho com seus discípulos e ensiná-los tudo sobre a Cruz (cf. MESTERS, C., - OROFINO, 2019, p. 6) e o que deveria acontecer.

A força do mandamento do amor é a base do discipulado: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15,16). Esse amor é um presente total de si mesmo, à medida de Jesus Cristo. Da mesma forma, o amor é apresentado como uma característica da comunidade de discípulos de Jesus Cristo que testemunham o amor fraterno, que atrai atenção, considerado a principal proclamação missionária e vocacional. Dessa forma, os discípulos do Mestre conseguem se reconhecer (cf. Jo 13,35), no amor mútuo.

Em resposta ao chamado, a Palavra Encarnada desejava habitar em Seus discípulos para formá-los e ensiná-los a cumprir a vontade do Pai. Na escola de vida de Jesus, a prioridade não é acumular muito conhecimento, mesmo que seja importante. Já que não é sobre algo, mas sobre alguém. Na verdade, conhecer Jesus e amá-lo é a maior conquista de aprendizado (cf. SCHÖNBORN, 2014, p. 50) do discipulado missionário.

Aceitar o chamado de Deus significa estar pronto para permitir que se moldem pelas mãos de Deus (cf. Sl 119,73). Por isso, o discípulo se aproxima da Palavra e se alimenta dela, encarnando-a em sua vida, assim como Jeremias fez quando proclamou: “Quando recebi as tuas palavras, devorei-as, a tua palavra foi minha alegria e minha alegria interior” (Jr 15,16). Então, a formação no processo de discipulado, é encarnar a Palavra de Deus na vida do discípulo, o que leva a uma jornada de conversão e a um meio de fidelidade. Isso exige esforço por parte do discípulo missionário, levando em conta a graça de Deus, a vida comunitária, a capacidade intelectual e a projeção missionária de serviço na comunidade.

3.2 Maria modelo de encarnação do discipulado

Um modelo de discipulado é apresentado em Maria, já que ela é a serva do Senhor que oferece sua vida diante da proposta de Deus, anunciada pelo arcanjo Gabriel, para que em seu ventre o Messias, o Santo de Deus, possa ser gestado pela obra do Espírito Santo (cf. SILVA, 2010, p. 112). Por essa razão, Maria é a discípula fiel que coloca toda a sua vida à disposição do Senhor. Maria é a primeira discípula missionária do Senhor que ouve a Palavra de Deus, confia nela, a acolhe, a encarna e a torna sua. Além disso, embora ele não entenda tudo o que o anúncio implica e o que vai acontecer com ele, ele responde ao anjo: “Que seja feito segundo a tua palavra” (Lc 1,38), mostrando plena confiança no Senhor.

Em Maria, na verdade, o espírito de discípula missionária se manifesta quando ela se apressa para visitar sua prima Isabel, que está grávida e além de idade avançada. Maria, embora também carregue em seu ventre a Palavra Encarnada, o Filho de Deus, deseja ajudar e cuidar de seu primo (cf. Lc 1,39-56), oferecendo-lhe os cuidados necessários. Na verdade, a realização mais elevada da vida cristã é uma vida trinitária, de um filho no Filho. Isso foi concedido a Maria, que por sua fé é a discípula mais exemplar do Senhor. Por essa razão, Maria é a primeira integrante da comunidade de crentes em Cristo, encorajando e ajudando espiritualmente o início missionário dos discípulos (cf. DAP 266).

A disponibilidade e obediência de Maria fazem dela um modelo de discípula missionária, permanecendo fiel à escuta da Palavra, meditando sobre ela e mantendo-a em seu coração e em seu ventre (cf. Lc 2,9-51). A Palavra meditada permite que Maria compreenda os mistérios de seu Filho, o acompanhe em seu caminho para o Calvário e fique ao seu lado na cruz. A Palavra guardada no coração de Maria lhe oferece esperança e conforto durante o sofrimento e a tristeza. Assim, Maria, discípula exemplar, contemplou a glória que Jesus recebeu como o unigênito do Pai, cheio de graça e verdade (cf. Jo 1,14b).

O Papa Bento XVI, durante sua visita a Aparecida, por ocasião da V Conferência Episcopal na América Latina, menciona:

Maria Santíssima é a Virgem pura e imaculada, ela é para nós uma escola de fé destinada a nos guiar e fortalecer no caminho que leva ao encontro com o Criador do céu e da terra. Vim a Aparecida com grande alegria para lhes dizer: permaneçam na escola de Maria, inspirem-se em seus ensinamentos, busquem esperar e acolher em seus corações as luzes que ela, por ordem divina, vos envia do alto (DAp 270).

Efectivamente, “Maria é a figura da Igreja na escuta da Palavra de Deus, que nela se torna carne. Ela também é um símbolo de abertura a Deus e aos outros; escuta ativa, que internaliza, assimila, e na qual a Palavra se torna um modo de vida” (VD 27). Por essa razão, Maria, mãe de Jesus Cristo, é considerada a primeira discípula missionária.

4. COMUNHÃO

No processo de formação do discipulado, o encontro com Jesus Cristo inicia um dinamismo de amor que desperta: escuta, admiração e contemplação, ao mesmo tempo, a vontade de segui-lo e colaborar com toda a força de cada um com ele. Na alegria do chamado, os discípulos tornam-se defensores e promotores da ‘vida em abundância’, já que Jesus veio ao mundo para promover a inauguração do Reino de Deus (cf. BRIGHENTI, 2010, p. 7). Da mesma forma, na adesão à Palavra de Deus, por meio da Palavra Encarnada, além de manifestar a libertação de atitudes que não são do Reino, por meio de um dinamismo de conversão, também surge uma experiência de comunhão (cf. CELAM, 2012, 19), na vida de comunidade dos discípulos missionários.

O discípulo missionário é chamado a viver em comunhão em sua comunidade, testemunhando o amor de Deus, servindo e amando, tendo como modelo a Trindade, fonte do amor e da unidade, pois do olhar alegre do amor de Deus Pai, revelado no rosto de Jesus Cristo, desce o misticismo de viver juntos (cf. GALLI, 147). Essa dinâmica permite que o discípulo seja testemunha do amor de Deus em sua vida, colocando-se à disposição da missão evangelizadora, que consiste na humanização dos dife-

rentes ambientes comunitários e espaços culturais, necessitando do amor misericordioso de Deus, para que possam sempre escolher a vida (cf. Dt 30,19). Assim, “não pode haver vida cristã exceto na comunidade: em famílias, paróquias, comunidades de vida consagrada, comunidades de base, outras pequenas comunidades e movimentos” (DAp 278 d).

Os ser humano foi feito para viver em comunhão. A essencialidade constitutiva da pessoa humana está em “ser para os outros”, ou seja, estar em comunhão. Nesse sentido, podemos ter em presente o testemunho dos “primeiros cristãos, que se encontraram em comunidade, o discípulo participa da vida da Igreja e do encontro com seus irmãos, vivendo o amor de Cristo na vida fraterna em solidariedade. Também é acompanhado e incentivado pela comunidade e seus pastores a amadurecer na vida do Espírito” (DAp 278 d).

4.1 Comunhão nas comunidades cristãs

Os Atos dos Apóstolos nos comunicam a experiência da comunhão da comunidade de Jerusalém, ou seja, uma comunidade em que a comunhão é tornada visível através do compartilhamento de bens materiais e espirituais, alimento, alegria e sofrimento (cf. PURCARO, 2011, p 401). Assim, a primeira comunidade cristã “permaneceu constante no ensino dos apóstolos, na comunhão, na quebra do pão e nas orações” (At 2,42). Por esse motivo, quando os Apóstolos proclamaram a Palavra de Deus, transparecia nos seus rostos a presença viva do crucificado.

O testemunho de vida das primeiras comunidades de crentes levou à adesão a Cristo na comunhão. Na fração do pão era experimentada a presença viva de Jesus crucificado e ressuscitado. Aqui, fundamenta-se o encontro da comunhão na comunidade, pois “a comunhão da Igreja é nutrida pelo Pão da Palavra de Deus e pelo Pão do Corpo de Cristo” (DAp 158), fundamento da vida cristã.

A expressão da fé é um convite a todas as comunidades de crentes de todo lugar e de toda época histórica para que lutem, com a graça do Espírito Santo, para viver a comunhão, tendo

como modelo as primeiras comunidades cristãs. Na realidade, “a comunidade eclesíástica do amor é chamada a refletir a glória do amor de Deus, que é comunhão, e assim atrair indivíduos e povos a Cristo” (DAP 159), para formar a comunidade.

Outro aspecto das primeiras comunidades cristãs é a capacidade de empatia, como diz a Escritura: “todos os crentes eram de uma só mente e de uma só mente” (At 4,32a). Observa-se como o sentimento é colocado na dimensão da unidade e do trabalho conjunto, na sinodalidade, porque manter um mesmo espírito é a prova de que Jesus está vivo em meio à comunidade (cf. STORNILO, 1998, p. 66), dos crentes.

Essa experiência de vida permite que os membros da comunidade tenham tudo em comum, concordando nas diferentes atividades (cf. At 2,44), a serem realizadas dentro de sua própria comunidade, para benefício de todos. Essa realidade está presente em alguns grupos étnicos da região amazônica do Brasil, como os Kayapó, onde tudo o que é alcançado nos dias de trabalho é reunido, pois é compartilhado entre todos e colocado em comum. Ninguém carece de comida, não há necessidade entre eles, pois ela é distribuída conforme as necessidades das famílias.

Uma das características mencionadas no Livro dos Atos é que, na comunidade, ninguém considerava seus bens próprios, pois tudo o que possuía era colocado em comum (cf. At 4,32b). Por essa razão, não havia ninguém necessitado entre eles, pois todos que tinham algum bem o vendiam e o levavam aos pés dos apóstolos, então era distribuído a cada um conforme suas necessidades (cf. At 2,45; 4,34-35). Nesse sentido, surge uma orientação pastoral que pode ser considerada importante; o fato de destinar uma porcentagem dos ingressos paroquiais mensais ou anuais para a caridade fraternal dos irmãos mais necessitados.

As pastorais e os movimentos da Igreja são chamados a viver em comunhão evangélica, porque não são um simples grupo de conhecidos, mas irmãos unidos por um vínculo que é o Espírito de Jesus, presente em seu meio. Além disso, por meio da oração, a comunidade primitiva expressa um modo de viver em comu-

nhão e comunidade, como o Evangelista Mateus aponta: pois onde dois ou três estão reunidos em nome de Jesus, lá estará Ele entre eles (cf. Mt 18,20). Dessa forma, as orientações pastorais baseiam-se na vida comunitária evangélica.

Nesse sentido, o Pe. Hélder Câmara, quem foi arcebispo de Recife, no nordeste do Brasil, mencionou: “enquanto dois terços do mundo estão subdesenvolvidos, como vamos desperdiçar grandes quantias na construção de templos de pedra esquecendo o Cristo vivo, presente na pessoa dos pobres?” Portanto, não deve faltar projetos sociais nas paróquias que beneficiem os irmãos e irmãs mais necessitados. Nessa linha, o Papa Bento considerava que não deveria haver pessoas pobres na Igreja, pois entre os crentes, ninguém deveria ser abandonado ao seu destino. No entanto, a realidade da pobreza presente na Igreja é um grande desafio, que hoje afeta muitos irmãos e irmãs de forma concreta (cf. RAZINGER, 2007, p. 346). É, portanto, de extrema importância voltar nosso olhar para o testemunho que levou à necessidade na dinâmica das comunidades cristãs nascentes, para que elas tenham um fundo comum alimentado pela doação que os crentes fizeram durante a celebração da Eucaristia (cf. RIVAS, 2010, p. 110), considerado um momento e lugar privilegiados para compartilhar e testemunhar caridade com seus irmãos e irmãs necessitados.

5. MISSÃO

Os apóstolos foram formados com o Mestre, de modo que, na medida em que conhecem e amam seu Senhor, sintam a necessidade de compartilhar com os outros a alegria de serem enviados como discípulos missionários, que proclamam a Palavra e testemunham a vida e a comunhão, a tudo o que aprenderam na escola de discipulado. pois a missão é inseparável do discipulado (cf. DAp 278 e). Os apóstolos foram chamados a estar com Jesus (cf. Mc 3,13), a aprender aos seus pés; na oração, no campo, nas sinagogas ou no meio do povo. Na verdade, a formação no discipulado visa enviar discípulos para pregar (cf. Mc 3,14), proclamando a Boa Nova a toda a criação (cf. Mc 16,15).

O último passo do seguimento de Jesus, o exame final dos discípulos, é enviar em missão. O Evangelista Mateus destaca como Jesus, durante seu ministério, insistiu que a missão deveria ser preferência às ovelhas perdidas da casa de Israel (Mt 10,6; 15,24). No entanto, seu Evangelho termina com a declaração do mandato de Jesus de seus discípulos de fazer discípulos em todas as nações (cf. Mt 28,18-20).

O propósito de enviar os discípulos de Jesus tem como finalidade, fazer que os discípulos missionários se multipliquem, para que Jesus seja conhecido e amado em todo o mundo, estabelecendo o Reino de justiça e paz em todas as nações. Aqui, três aspectos podem ser destacados no alcance missionário: fazer discípulos de todos os povos; batizá-los em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; e ensiná-los a guardar tudo o que Jesus ensinou a seus discípulos. Por sua vez, o evangelista Marcos termina com um único enfoque: “ir a todo o mundo e pregar o Evangelho a toda a criação” (Mc 16,15) (cf. CASTAÑO, 2006, p. 131).

Os discípulos devem ensinar às pessoas para quem foram enviadas a ensinar tudo o que aprenderam com seu Mestre. Um aspecto importante no aprendizado de novos discípulos é ter um encontro permanente com Cristo. De fato, o encontro ocorre por meio da Palavra de Deus, na experiência da oração e meditação, para poder ter e compartilhar os mesmos sentimentos de Cristo (cf. Fl 2,5), zelo missionário (cf. Mt 9,35) e o desejo de estabelecer o Reino de Deus (cf. Mc 1,14-15) (cf. CELAM, 2012, 52).

A missão do discípulo enviado é proclamar o Reino de Deus. Considerando os ofícios daquela época, Jesus os envia como pescadores de homens para que seus discípulos possam tirar todos os homens do domínio do pecado e os tornem compartilhadores do Reino de Deus (cf. Mc 1,17). Outra imagem, com a qual os discípulos são enviados, é a do servo contratado da colheita abundante; o dono, que é Deus, pede ajuda para cuidar da colheita frutífera (cf. Mt 9,38). Além disso, a imagem do discípulo enviado é a do pastor de um rebanho que deve cuidar das ovelhas cansadas e perdidas. É verdade que, para cumprir essa missão, o pastor precisa cultivar sabedoria e vida em Jesus Cristo (cf. SILVA, 2020, p. 173).

No Evangelho de Lucas, há uma indicação do Cristo ressuscitado em relação ao envio de seus discípulos. Jesus vai enviar sobre eles a promessa do Pai; por essa razão, devem permanecer em Jerusalém, até serem revestidos de poder vindo do alto (cf. Lc 24,49), para serem confirmados na fé e revividos com esperança e alegria. Para isso, os discípulos devem ser ungidos com o poder do Espírito Santo, que os acompanhará na missão de proclamar o Evangelho e testemunhar o que aprenderam, pois é graças ao ardor missionário dos apóstolos e dos primeiros discípulos que a Boa Nova ultrapassou suas fronteiras para dar a conhecer o nome de Jesus.

O discípulo é enviado para proclamar a Boa Nova, da assunção, recapitulação e reintegração da humanidade e do mundo, no plano de Deus: “Como Tu, Pai, estás em mim, e eu em ti, que estejam em nós, para que o mundo acredite que Tu me enviaste” (Jo 17,21) (cf. SUESS, 2007, p 54). Além disso, na mesma oração ouvimos como Jesus coloca seus discípulos na linhagem da missão divina: “Assim como me enviaste ao mundo, assim eu os enviei ao mundo” (Jo 17,18), para humanizar todos aqueles espaços da história que precisam da presença misericordiosa de Deus.

Por essa razão, quando o discípulo é enviado, é convidado a se entregar gratuitamente, pois recebeu em plenitude de Jesus, graça sobre graça (cf. Jo 1,16), Deus não deixa de agir nos corações de seus discípulos, para que a vida espiritual possa ser entendida como o caminho no espírito de santidade (cf. BRAVO, 2009, p. 72).

5.1 Martírio

O compromisso evangelizador, inclusive, tem levado para a doação da própria vida. Por essa razão, a prática cristã, a dimensão martirial da evangelização, considera oferecer a própria vida para trazer da cruz os crucificados da história (cf. CELAM, 2019, p. 243), da humanidade que sofre. Assim, o discípulo é exortado “com uma vida verdadeiramente evangélica, com muita paciência, com sincera caridade, a testemunhar ao seu Senhor, se necessário até mesmo o derramamento de seu sangue” (AD 24). De fato, a Igreja foi fundamentada sobre o sangue de todos os mártires que foram testemunhas do amor de Cristo.

Na Igreja Latino-Americana há múltiplos testemunhos, como a “Revolução Cristera no México”, que este ano marca o centenário (1926 a 1929), devido a que houve muitos mártires que doaram seu sangue, como o de Cristo, pela liberdade de viver a fé católica, já que a “lei Calles”, do governo mexicano, proibia o culto católico e a liberdade da Igreja. Outra testemunha é São Oscar Romero, de El Salvador, que ofereceu sua vida pela paz de seu país, ao ser martirizado em 24 de março de 1980, enquanto celebrava a Eucaristia, no momento da consagração, unindo-se assim ao sacrifício de Cristo. Ele foi canonizado pelo Papa Francisco em 14 de outubro de 2018. Da mesma forma, na Igreja brasileira há múltiplos testemunhos, como o da missionária americana Dorothy Stang, assassinada em 12 de fevereiro de 2005, que era discípula missionária, comprometida com a criação, na região amazônica. Esse mártir defendeu a promoção da justiça junto àqueles que trabalham pelo desenvolvimento sustentável, por meio de projetos sociais, mantendo uma atitude sempre atenta para promover “uma ecologia integral, que incorpore as dimensões humanas e sociais do homem” (LS 137), para manter o equilíbrio ecológico, em toda a criação

CONCLUSÃO

Na atualidade, diante das ofertas e propostas oferecidas pela sociedade, algumas delas podem levar a uma vida sem sentido, ou a um relativismo onde tudo é permitido e tudo é permitido. O homem, em muitas ocasiões, se vê fragmentado e dividido, parece não conseguir encontrar o sentido de sua vida, porque apenas gravita, deixando-se levar pelo vento como uma folha de árvore, sem saber o caminho que deve seguir e o lugar onde planeja chegar. Da mesma forma, parece que o homem não tem memória de sua vida, pois ele facilmente esquece sua origem, como quando olha para seu rosto no espelho, depois se vira e instantaneamente esquece como é (cf. Tg 1,23-24), mas “o ser humano é uma síntese do temporal e do eterno, do finito e do infinito” (KIERKEGAARD, 2008 p. 12). Portanto, o homem precisa se tornar consciente de sua realidade e do que Deus representa em sua vida.

Por esse motivo, a proposta do processo de discipulado, que inclui todo crente, é apresentada como um caminho de vida plena, pois tem como ponto de partida o encontro com a Palavra de Deus, especialmente com a pessoa de Cristo, que guia a vida do homem, dando sentido à sua existência. Essa experiência permite que o discípulo expresse e manifeste todas as suas potencialidades e talentos, nutrindo-se com a vitalidade e renovação que a Palavra de Deus sempre oferece (cf. Hb 4,12), colocando-o a serviço dos outros em uma vida missionária de encarnação e doação.

PARA REFLETIR:

- Consideramos a formação no discipulado como o eixo transversal na vida de todo cristão e em nossa vida como missionários?
- Quais desafios surgem nas comunidades para incorporar e vivenciar os 5 aspectos do discipulado missionário propostos pelo documento de Aparecida?
- Como podemos colocar o encontro com a Palavra de Deus no centro de nossas comunidades xaverianas?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAVO, A. *Seguir a Cristo*. Salamanca: Sígueme, 2009.
- BENEDICTO XVI. Discurso del Santo Padre BENEDICTO XVI al final del rezo del Santo Rosario. *Las Cinco Conferencias Generales del Episcopado Latinoamericano*. Bogotá: CELAM, 2014, 877-880.
- BRIGHENTI, A. “El documento de Aparecida: una visión en conjunto”. *Alteridad. Revista de Educación*. Cuenca, Ecuador, v. 5, n. 2, julio-diciembre (2010), 6-11.
- CASTAÑO, A. *Discipulado y misión. en el Evangelio de Mateo*. Bogotá: CELAM, 2006.
- CASTRO, S. *Comentarios a la nueva Biblia de Jerusalén Evangelio de Juan*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2008.
- CONGAR, Y. *El espíritu santo*. Barcelona: Herder, 1991.
- CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO (CELAM). *Manual de Misionología. Iglesia. tu nombre es Misión*. Bogotá: CELAM, 2019.
- _____. *Testigos de Aparecida*. Bogotá: CELAM, 2012.

_____. *Orientaciones de Animación Bíblica de la Pastoral*. Bogotá: CELAM, 2017.

GALLI, C. *La alegría del Evangelio en América Latina*. Buenos Aires: Agape, 2018.

JIMÉNEZ, A. Encuentro. In LATOURELLE, FISICHELLA (Ed). *Diccionario de Teología Fundamental*. Madrid: Paulinas, (1992).

KIERKEGAARD, S. *La enfermedad mortal*. Madrid: Trotta, 2008.

LEÓN-DUFOUR, X. *Lectura del Evangelio de Juan*. vol. I. Salamanca: Sígueme, 1989.

MARTÍNEZ, H. *El discipulado en el Evangelio de Marcos*. Bogotá: CELAM, 2006.

MARTÍNEZ, J. *La cultura del encuentro*. Cantabria: Sal terrae, 2017.

MESTERS, C., OROFINO. F. *Jesús, Formando e Formador*. Itaiaci, SP, 6-11/10/2009.

PURCARO, A. Criterios pastorales para revitalizar la Iglesia desde el concepto clave de la comunión. *Medellín*. v. 37. n. 147 (2011). 399-420.

RATZINGER, J. *Dios y el mundo*. Una conversación con Peter Seewald: Las opiniones de Benedicto XVI sobre los grandes temas de hoy. Barcelona: Debolsillo, 2007.

RIVAS, F. *La vida cotidiana de los primeros cristianos*. Navarra: Verbo Divino, 2010.

RUIZ DE LA PEÑA. *Creación. Gracia y Salvación*. Santander: Sal Terrae, 1993.

SCHÖKEL, L. A. *Contempladlo y quedareis radiantes*. Bilbao: Sal Terrae, 1996.

SCHÖNBORN, C. *La escuela de vida de Jesús*. Barcelona: Herder, 2014.

SILVA, S. Retamales. *Jesús de Nazaret y sus discípulos*. Santiago: Paulinas, 2010.

SOBRINO, J. Espiritualidad y seguimiento de Jesús. In: ELLACURIA, I; SOBRINO, J. (Ed). *Mysterium Liberationis*. Conceptos fundamentales de la Teología de la Liberación II. Madrid: Trotta, 1990.

STORNILOLO, I. *Como leer los hechos de los apóstoles*. Bogotá: San Pablo, 1998.

SUESS, P. *Teología de la Misión*. Quito: Abya Yala, 2007.

TEOBALD, C. *El estilo de vida cristiana*. Salamanca: Sígueme, 2014.